

BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

BENEFITS OF SCHOOL PHYSICAL EDUCATION FOR THE DEVELOPMENT OF THE STUDENT WITH AID SPECTRUM DISORDER IN TEACHERS' PERCEPTION

Lucas Augusto de Mello

Maria Luiza Salzani Fiorini

Daniel Pereira Coqueiro

Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista – FAIP, Sociedade Cultural e Educacional do Interior Paulista

Resumo

Trata-se de um estudo que investiga a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) sob a ótica dos professores de Educação Física (PEF). A pessoa com TEA apresenta prejuízos na comunicação, na interação social e comportamento. Além disso, há a necessidade de manter uma rotina de vida, porém, cada pessoa tem suas características próprias. No contexto escolar, mais especificamente nas aulas de Educação Física, o professor necessita estar preparado para lidar com os alunos com TEA, pois, a Educação Física estimula o desenvolvimento de aspectos em que tenham dificuldades. Estudos realizados apontaram uma falta de conhecimento dos profissionais sobre este tema, indicando uma formação defasada e não adequada no curso de Educação Física. Por isso, pesquisas sobre esse tema são importantes para que o profissional da Educação Física possa ter conhecimento sobre os tipos de atividades físicas que beneficiam o desenvolvimento de cada aspecto do indivíduo com TEA. Nesse sentido, o estudo teve como objetivo identificar a percepção dos PEF sobre os benefícios da Educação Física escolar para o desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista. O trabalho compreende uma pesquisa descritiva. O Projeto de Pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral (FAEF). Os participantes da pesquisa foram 10 PEF que atuavam na rede municipal de ensino, com turmas do 1º ao 5º ano, e que ministravam aulas para turmas regulares nas quais havia um aluno com TEA regularmente matriculado. Em termos metodológicos, os pesquisadores elaboraram um questionário a ser autopreenchido pelos participantes, com 11 perguntas abertas relacionadas aos temas: 1) percepção do professor de Educação Física sobre o Transtorno do Espectro Autista; e 2) benefícios da aula de Educação Física para o desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista. Na sequência, o questionário foi avaliado por dois juízes - profissionais de Educação Física com experiência na área de Educação Especial e em elaboração de questionário - para avaliarem se as perguntas redigidas auxiliariam a responder o objetivo da pesquisa; e, se a escrita estava adequada. Assim, após a avaliação dos juízes foi elaborado a segunda versão do questionário. Identificou-se que os PEF souberam definir o TEA, relataram a importância das aulas de Educação Física para o desenvolvimento geral do aluno com TEA, porém, algumas questões negativas foram citadas como a falta do diagnóstico do aluno, de apoio da escola e de conhecimento do PEF sobre o tema, além de faltar respostas mais justificadas em cada questão.

Palavras-chave: Atividade motora adaptada. Educação Física. Inclusão Escolar. Transtorno do Espectro Autista.

Abstract

This is a study that investigates the school inclusion of students with autism spectrum disorder (ASD) from the perspective of physical education teachers. The TEA with several disorders that have some similar features. The person with TEA presents communication in social interaction and behavior. In addition, there is the need to maintain a routine of life, however, each person has your own feature. In the school context, more specifically in physical education classes, the teacher needs to be prepared to deal with students with TEA, the physical education stimulates the development of areas in which they have difficulties. Studies showed a lack of knowledge of professionals on this topic, pointing behind training and adequate training in physical education course. So, research on this theme are of extreme importance to the physical education professional learn how physical activity can be beneficial to develop every aspect of student development with TEA. In this sense, the study aimed to identify PEF perceptions about the benefits of school physical education for the development of students with Autistic Spectrum Disorder. The work comprises a descriptive research. The research project was submitted to the Ethics Committee of the College of higher education and training (FAEF). Survey respondents were 10 physical education teachers who work in the network of municipal education, with classes from 1st to 5th year and provide classes for regular classes that have at least one student with TEA. In methodological terms, the researchers draw up a questionnaire to be auto filled by the participants, with opened questions related to themes: 1) perception of physical education teacher about the autistic spectrum disorder; and 2) benefits of physical education class for the development of the student with autism spectrum disorder. As a result, was sent to two judges-physical education professionals with experience in special education and in development of questionnaire to assess whether the questions draw up will help to answer the purpose of the research; and, if the writing is adequate. So, after the evaluation of the judges was prepared the second version of the questionnaire. After the PEF answering the questionnaire was analyzed each issue, where the PEF knew set TEA, reported the importance of the physical education classes for the general development of the student with TEA, however some negative issues were cited as the lack the diagnosis of student, school support and knowledge of PEF on the topic, in addition to missing responses more justified in each issue

Keywords: Adapted motor activity. Physical Education. Inclusion. Autistic Spectrum Disorder.

1 Introdução

Em tempos atrás, a sociedade privava pessoas que apresentavam alguma deficiência, limitação ou com atitudes antes não vista. Essas pessoas não tinham liberdade, respeito, atendimento e direitos, sofrendo preconceito (MACIEL, 2000). Por conta dessa discriminação, pais e professores lutaram para que pessoas com alguma limitação pudessem ser inseridas no mesmo ambiente que as demais pessoas da sociedade, buscando os direitos e o respeito humano, principalmente, para que eles pudessem ter acesso à educação.

Em 1994, a Organização das Nações Unidas publicou a Declaração de Salamanca, que trata dos princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais, sendo um documento favorável à inclusão de pessoas com alguma deficiência nas escolas regulares (BRASIL, 1994). Isto, conseqüentemente, teve impacto no Brasil e, em 1996, foi implantada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) por meio da qual a Educação para pessoas com deficiência deve ser oferecida na rede regular de ensino, oferecendo os mesmos direitos de ensino a todos as pessoas (BRASIL, 1996).

Muitos anos se passaram e mudanças significativas aconteceram para garantir direitos a todas as pessoas, sendo que, em 2008, foi elaborada a Política Nacional de Educação na Perspectiva da Educação Inclusiva, a qual tem como objetivo:

[...] o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas as necessidades educacionais especiais (BRASIL, 2008, p.8).

Desse modo, a inclusão escolar pode ser entendida como ação (ões) favorável (veis) para promover a participação dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação em programas e atividades para alunos com desenvolvimento típico, a princípio, nas turmas e salas comuns (BAILEY *et al.*, 1998; MENDES, 2006; MENDES; CIA; D’AFFONSECA, 2015).

Com relação aos Transtornos Globais do Desenvolvimento, trata-se de alterações qualitativas nas interações sociais e na comunicação, além de comportamentos repetitivos e estereotipados, como é o caso dos alunos com “autismo” (BRASIL, 2008, p.9). Por recomendação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), adota-se a nomenclatura Transtorno do Espectro Autista (TEA), devido à variabilidade na intensidade e frequência dos comportamentos típicos (APA, 2014).

O TEA está associado ao transtorno autista, transtorno de Asperger, transtorno desintegrativo da infância, transtorno de Rett e transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação. As características do TEA estão ligadas a dificuldades em se relacionar e comunicar socialmente, rotinas repetitivas e restritas a relacionamento (APA, 2014).

O TEA é definido como uma desordem que afeta o desenvolvimento neurológico caracterizado por prejuízos na comunicação, na interação social e a manifestação de padrões restritivos e repetitivos de comportamento e de interesses (APA, 2014).

Em 1943, Leo Kanner um psiquiatra austríaco foi o primeiro a apresentar casos caracterizados basicamente pelo isolamento social, problemas na comunicação e comportamento. Porém, muitos anos se passaram e até os tempos atuais não há uma afirmação concreta das causas e a maneira de intervir, só há hipóteses (MARTINS; MONTEIRO, 2017).

Discussões sobre o TEA ganharam força graças aos movimentos sociais, compostos por entidades e por pais de pessoas com TEA, a partir de 2012, com a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (BRASIL, 2012), dando suporte para estas pessoas.

Em 2013, o Ministério da Saúde organizou a Diretriz de Atenção a Reabilitação da Pessoa com TEA, com o objetivo de oferecer orientações para o cuidado de

peças com TEA (BRASIL, 2014). A diretriz traz indicadores de desenvolvimento e características sugestivas de TEA de acordo com a faixa etária, além de informações sobre a alimentação, brincadeiras, interação social e linguagem (BRASIL, 2014).

Estas leis, anteriormente citadas, embasam o processo de inclusão escolar de pessoas com TEA, proporcionando um maior acesso desse público nas escolas regulares.

No contexto escolar, a Educação Física é uma área que tem grande influência na inclusão e no desenvolvimento de alunos com TEA. Segundo Schliemann (2013), para que se promova a inclusão escolar e o desenvolvimento com sucesso, os docentes precisam ter um entendimento profundo sobre o desenvolvimento cognitivo, motor e sensorial, entendimento sobre os exercícios físicos que pretende passar a seus alunos e um entendimento sobre os métodos e o planejamento que irá aplicar.

Segundo Tomé (2007), a Educação Física auxilia no desenvolvimento de habilidades sociais, melhorando a qualidade de vida dos alunos com TEA. Mas, para um desenvolvimento positivo, o professor necessita conhecer cada aluno de forma individual, pois, cada aluno com TEA tem suas características próprias.

Desse modo, o presente estudo teve como objetivo identificar a percepção dos PEF sobre os benefícios da Educação Física escolar para o desenvolvimento do aluno com TEA.

2 Método

2.1 Tipo de pesquisa

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva. Para Gil (2002, p. 42):

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

2.2 Procedimentos éticos

O Projeto de Pesquisa, do presente estudo, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral (FAEF). Os participantes também preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

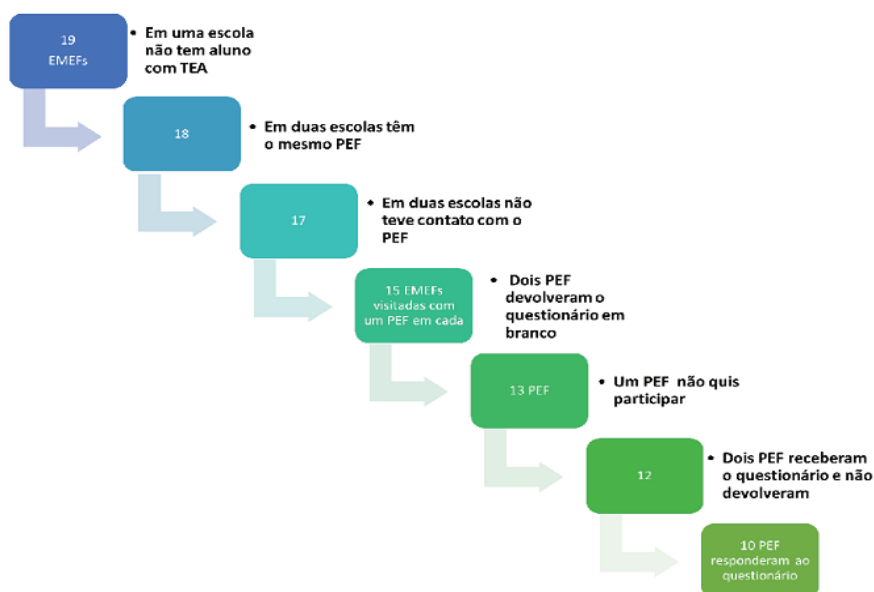
2.3 Participantes

Os participantes do estudo foram 10 PEF que ministravam aulas em escolas da rede municipal de ensino, de uma cidade no Centro-Oeste Paulista, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Os critérios de inclusão dos participantes foram: 1) o PEF ministrar aulas, do 1º ao 5º ano, para turmas regulares que tivessem pelo menos um aluno com TEA regularmente matriculado; e, 2) o PEF aceitar voluntariamente a participar da pesquisa.

Na Figura 1 tem-se o passo a passo da seleção dos PEF, bem como os critérios para se chegar aos 10 participantes.

Figura 1 - Passo a passo da seleção dos professores de Educação Física.



Fonte: elaboração própria

Legenda: EMEF: Escola Municipal de Ensino Fundamental; TEA: Transtorno do Espectro Autista; PEF: professor de Educação Física.

2.4 Procedimentos para a coleta de dados

Para a coleta de dados realizou-se a aplicação de um questionário com 11 perguntas abertas, a ser autopreenchido pelos participantes.

A primeira versão do questionário foi elaborada pelos próprios pesquisadores, com perguntas abertas relacionadas aos temas: 1) percepção dos PEF sobre o TEA; e 2) benefícios da aula de Educação Física para o desenvolvimento do aluno com TEA.

Na sequência, elaborou-se um “Protocolo para apreciação de juízes”, o qual foi enviado a dois juízes – profissionais de Educação Física com experiência na área de Educação Especial e em elaboração de questionário – para avaliarem se as perguntas redigidas auxiliariam a responder ao objetivo da pesquisa; e, se a escrita estava adequada.

Com base na avaliação dos juízes, elaborou-se a segunda versão do questionário (Apêndice A), que foi utilizada para a coleta dos dados.

Os questionários foram entregues aos PEF para que eles pudessem responder, em sua casa e, após o preenchimento, deveriam entrar em contato com o pesquisador para que fosse buscá-los.

2.5 Procedimentos para a análise de dados

As respostas dos 10 questionários foram analisadas a partir de temas. Em cada tema buscou-se analisar a percepção dos PEF.

3 Resultados e discussão

3.1 Percepção sobre a inclusão escolar nas aulas de Educação Física

Com base nos dados, três PEF opinaram que o ambiente escolar é um ótimo lugar para incluir alunos com TEA, desde que haja um bom planejamento de aula. Nesse sentido, Catelli, Assis e D’Antino (2016, p.35) relataram que “[...] para que a aula seja de qualidade, o profissional necessita fazer um planejamento prévio e conhecer as potencialidades dos seus alunos”.

Outros dois PEF justificaram que a escola precisa dar um apoio aos professores, pois, por vezes, a escola não está preparada para receber alunos com TEA. Neste caso, ainda de acordo com Catelli, Assis e D’Antino (2016), a gestão escolar deve utilizar das reuniões pedagógicas, pois são as reuniões que delimitam os temas mais importantes, para criar condições e suporte necessários para melhor compreensão dos alunos com TEA.

Cinco PEF justificaram que a formação universitária em Educação Física foi limitada sobre o assunto, assim, necessitavam de uma formação mais específica. Alípio (2014) realizou um estudo com professores de Educação Física sobre o conhecimento do TEA e concluiu com base nos resultados obtidos que os professores possuem formação insuficiente, assim, destacando uma defasagem na formação dos profissionais durante o curso de Educação Física.

3.2 Definição de Transtorno do Espectro Autista na percepção dos professores de Educação Física

De acordo com as respostas, cinco PEF definiram que o aluno com TEA tem uma dificuldade na interação social com os colegas de classe, por exemplo, como respondeu o PEF 4 “[...] para mim, são pessoas que tem uma deficiência, umas mais aparentes que outras, tornando-as mais ou menos sociáveis dependendo do grau como apresentam”.

Outros quatro PEF, além de citarem a dificuldade na interação social, acrescentaram que o aluno com TEA apresenta problemas na comunicação, como, por exemplo, definiu o PEF 1 “[...] é um transtorno que a criança sofre, tendo problemas na comunicação e na interação com o meio e as pessoas que o cercam”.

E apenas um PEF definiu que o aluno com TEA possui níveis de comprometimento cognitivo, social e comunicativo.

Em termos de definição, todos os PEF adequaram ao que mundialmente é adotado o DSM-V (APA, 2014) o qual o TEA é definido como uma desordem que afeta no desenvolvimento neurológico caracterizado por prejuízos na comunicação, na interação social e a manifestação de padrões repetitivos de comportamento e de interesses.

3.3 Percepção sobre a experiência profissional em relação ao Transtorno do Espectro Autista

Com base nas respostas, quatro PEF citaram que foi uma novidade e que não tinham conhecimento em atuar com alunos com TEA, assim, tendo uma dificuldade e um sentimento de insegurança.

Segundo Falkenbach *et al.* (2008), é comum os professores sentirem um medo e uma insegurança ao se depararem com alunos com alguma limitação em nas turmas regulares. Ainda é comum cogitar a possibilidade de trazer professores especializados no assunto. Tais pensamentos ainda se criam em função do desconhecimento dos professores.

Um PEF afirmou que o primeiro contato com aluno com TEA foi uma experiência desafiadora e motivadora. Como já frisaram Chicon e Cruz (2013), ao se debater o tema inclusão escolar, as questões de ordem são: o que fazer? Como fazer?

Apenas um PEF relatou que o primeiro contato foi um desafio pelo fato de que não havia um diagnóstico, assim, só foi possível perceber pelo comportamento do aluno durante as aulas. Na literatura da área, é possível encontrar pesquisas que corroboram esse resultado, ou seja, a dificuldade do PEF em ter acesso às informações sobre os alunos via diagnóstico (MORAES, 2010), ou a ausência de um documento

que caracteriza os alunos (STEFANE, 2003), além da falta de critérios para definir se um aluno apresentava ou não TEA (COSTA, 2009).

E, por fim, quatro PEF encontraram facilidade no processo de inclusão escolar de alunos com TEA por ser algo esperado e porque o aluno não apresentava muitos comportamentos estereotipados e repetitivos. De acordo com DSM-V (APA, 2014), em geral, indivíduos com níveis de prejuízos menores podem ser mais capazes de funcionar com independência.

3.4 Percepção sobre as adaptações em aula

Por definição, adaptar é ajustar a tarefa ao nível de desempenho da pessoa (WINNICK, 2004). A adaptação pode ocorrer por meio do manejo de variáveis, como: os ambientes temporal, físico e psicossocial, os equipamentos e materiais, a aprendizagem, a instrução e a informação e, a tarefa (SHERRILL, 1998).

Analisando as respostas dos dez questionários, três PEF afirmaram que não faziam adaptações em suas aulas; dois desses professores explicaram que não faziam adaptações, pois, seus alunos apresentam um grau leve; e, um PEF justificou que não faz adaptações pois as diferenças devem ser consideradas.

Sete PEF informaram que faziam adaptações, porém, o PEF 3 justificou que “[...] as estratégias variam conforme o grau de limitação de seu aluno”.

Um professor detalhou utilizar os colegas de classe para colaborar, acompanhar e ajudar na participação do aluno com TEA. Estudos da área têm ressaltado os efeitos positivos da estratégia do colega tutor na inclusão escolar em aulas de Educação Física (NABEIRO, 2010; SOUZA, 2009). O aluno voluntário, da mesma turma, que auxilia o aluno com TEA no recebimento de instruções e na realização de atividades é chamado de tutor (NABEIRO, 2010). O colega tutor é uma estratégia que pode ser utilizada para dinamizar a aula de Educação Física no contexto da inclusão escolar e, ainda, diminuir o preconceito, pois apresenta informações importantes para a compreensão das necessidades e das capacidades dos alunos com deficiência (FIORINI; NABEIRO, 2013).

Um PEF respondeu que “[...] quando necessário, faz adaptação metodológica”.

Dois PEF afirmaram que mantem o método de aula, mas procuram dar uma atenção especial para o aluno com TEA.

Dois PEF informaram que utilizam estratégias diferenciadas, por exemplo: utilizando objetos que chamem a atenção, atividades em grupos, utilização de sons e músicas nas atividades de interesse da criança.

3.5 Percepção sobre os benefícios das aulas de Educação Física para o desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista

3.5.1 Benefícios para o desenvolvimento integral do aluno

Houve consenso dos 10 PEF sobre o fato de a Educação Física Escolar beneficiar o desenvolvimento do aluno com TEA. Porém, as justificativas foram variadas.

Para quatro PEF, os benefícios são para o desenvolvimento integral do aluno, isso é, motor, cognitivo, afetivo e social, por exemplo, “[...] com certeza a aula de Educação Física contribui nos aspectos psicomotores dos alunos” concluiu o PEF 2.

Lourenço *et al.* (2015) realizaram um estudo para avaliar os efeitos que os exercícios físicos causam em indivíduos com TEA, assim concluiu-se que os exercícios físicos influenciam o desenvolvimento em aspectos como: comportamentos sociais, comportamentos estereotipados, qualidade de vida, desempenho acadêmico e comportamento motor.

Para quatro PEF, os benefícios são em termos específicos da socialização, interação e comunicação. Como justificou o PEF 9 “[...] permitindo que esses alunos tenham maiores experiências sociais e interativas que farão que esses autistas aos poucos se comuniquem e desenvolvam seus potenciais”.

Para um PEF, o benefício é relacionado “as vivências com o corpo”. No entendimento do PEF 7 “[...] a Educação Física beneficia e propicia vivências com o corpo que talvez não tenham em outros ambientes”.

Para um PEF o desenvolvimento geral “é evidente”, mas sem perder de vista o planejamento da aula. Respondeu o PEF 8 “[...] evidente, mas devemos nos atentar para a especificidade do aluno para não perder no planejamento das aulas”.

De modo geral, identificou-se que os PEF participantes da pesquisa valorizaram a importância das aulas de Educação Física no desenvolvimento dos alunos com TEA. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Educação Física é uma área que proporciona benefícios às crianças em relação às capacidades afetivas e de interação social, assim, respeitando as limitações dos alunos com TEA e trabalhando as potencialidades de cada.

3.5.2 Benefícios para a interação social

Em relação às dificuldades dos alunos com TEA em se relacionar com os demais, um dos PEF não justificou sobre o tema devido não saber se a dificuldade estava nas limitações do aluno ou se o aluno não interagiu por não estar aplicando atividades

corretas para desenvolvê-lo. Para ele: “[...] não sabe, e ainda tem dúvidas se seria uma dificuldade de interação ou se há uma limitação do profissional”.

O PEF 7 afirmou que a Educação Física é importante para a interação social, porém, “[...] quando cheguei na escola eles já estavam na escola, não acompanhei o índice desta interação”.

Na opinião do PEF 6, “[...] é difícil colocar essa ou aquela ação, pois cada indivíduo apresenta dificuldades diferentes, acredito que a mudança na postura seja fundamental, desenvolver a aula a partir da dificuldade do aluno”. Neste sentido Catelli, Assis e D’Antino (2016) afirmam que a inclusão é um dever de todos que trabalham na escola, assim através de discussões propor uma melhora na preparação pedagógica para atender positivamente o aluno com TEA.

O PEF 5 teve a percepção de que “[...] desmistificar seria o melhor passo, pois criança com autismo, antes de mais nada é uma criança, e as demais crianças também seria importante a aprenderem a conviver respeitosamente”. Já cinco PEF afirmam que a melhor ação para a interação é a utilização de atividades em grupos. No entendimento do PEF 4 “[...] ao invés de aulas com caráter individual, trabalhar o coletivo, e a cooperação em grupo, onde um depende do outro para chegar a um objetivo”. Um PEF relatou que informar os colegas que na turma tem um aluno com TEA é o primeiro passo, para que os colegas de classe compreenda, aceite e ajude o aluno com TEA, e ainda fez ressalvas a postura do professor.

Nestas duas últimas respostas, os PEF utilizam dos colegas de classe para serem os tutores dos alunos com TEA. Segundo Bagnara (2010, p.110), “[...] utilizar sempre que possível um aluno ajudante ou colaborador, que terá a incumbência de auxiliar o professor e os demais colegas a realizar as atividades e exercícios”.

3.5.3 Benefícios para o desenvolvimento motor

Os dez PEF responderam que a Educação Física auxilia muito no desenvolvimento motor do aluno com TEA. Para três PEF, o benefício motor se deve a aquisição de repertório motor. Na percepção do PEF 7 “[...] sim, principalmente na idade que chegam que é muito importante para a aquisição de repertório motor, independente do autismo”.

O desenvolvimento motor é importante tanto para pessoas com TEA quanto para pessoa que não têm o TEA. De acordo com Alves (2014), as atividades físicas possibilitam o auxílio no desenvolvimento motor para superar suas limitações, prevenindo de possíveis inaptações, durante este período potencializar as habilidades motoras e minimizando suas deficiências.

Para três PEF, o desenvolvimento motor é um meio para desenvolver outros aspectos do aluno, tais como a lateralidade, equilíbrio, raciocínio. O entendimento do PEF 1 foi de que “[...] através das aulas, podemos trabalhar com as capacidades e habilidades motoras desenvolvendo o equilíbrio, orientação temporal e espacial, ritmo, capacidade de reação e adaptação, lateralidade, assim como as atividades que estimulem a criatividade do aluno”.

Esta opinião caminha na mesma direção do estudo realizado por Alves (2014), que observou uma evolução dos alunos com TEA após um período de atividades físicas regulares. Estes alunos conseguiram evoluir seu desempenho motor e observar que o corpo não é um objeto e sim um aspecto psico-motor-social.

Em continuidade, para dois PEF o desenvolvimento se deve a uma “série de atividades” e “estímulos diferentes”. Winnick (2004), afirmou que por meio de atividades sistemáticas e variadas, os professores devem enfatizar os padrões motores pelo fato de que a maioria dos alunos com TEA apresentam pouca habilidade motora.

Para o PEF 5, a criança com TEA irá se desenvolver com as atividades como as outras crianças, deste modo, o importante é que todas as crianças aprendam “[...] e aprendam a conviver respeitosamente”.

Na opinião do PEF 9 “[...] a criança com autismo é estimulada por meio da imitação, portanto, ao perceber um movimento ele consegue reproduzir e sentir aos poucos como ele pode se movimentar”.

Alves (2014, p. 95) concluiu que:

Na aprendizagem da criança com TEA, verifica-se, mediante a prática de exercícios físicos que, ela habilidades desenvolvidas, o professor irá realmente proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido por interação, do aumento da diversidade e de complexidade de movimentos. Oferece experiências de movimento adequadas ao seu estágio de crescimento e desenvolvimento para que as habilidades motoras sejam alcançadas.

3.5.4 Benefícios para a comunicação

Em relação a esse tópico, um PEF respondeu que as aulas de Educação Física não conseguem ajudar na comunicação de alunos com TEA: “[...] acredito que não, o nosso tempo de contato com eles é pequeno, dentro do universo da escola”.

Dois PEF informaram que poderiam auxiliar na comunicação de alunos com TEA, sendo que o PEF 2 justificou da seguinte forma: “[...] acredito que sim, mas sou sincera neste aspecto, pois uma sala com muitos alunos é difícil proporcionar atividade adequadas para isso. Entretanto, conheci trabalhos de Educação Física bem efetivos nesse aspecto”.

Os outros sete PEF afirmaram que é possível ajudar na comunicação. Quatro desses PEF justificaram que por meio de jogos, brincadeiras e esportes conseguem beneficiar. Como respondeu o PEF 5: “[...] sim, por meio das próprias atividades da Educação Física, jogos, brincadeiras, esportes etc.”

Para o PEF 4, o desenvolvimento da comunicação ocorre “[...] a todo momento na resolução de conflitos ou retomadas de alguma informação não entendida pelo aluno, neste momento é importante a comunicação professor e aluno”.

Na percepção do PEF 10, o benefício da comunicação ocorre “[...] através de atividades cooperativas em grupos para estimular a comunicação do aluno com TEA”

E, por fim, para o PEF 9 “[...] o professor pode utilizar linguagem atraente por meio de músicas, mudanças no tom de voz, como estabelecer uma rotina fácil de entendimento para que o autista se sinta seguro”.

Analisando as respostas, os PEF indicaram perceber que há benefício das aulas de Educação Física em relação aos alunos com TEA, porém, faltou uma justificativa mais completa.

3.5.5 Benefícios para a cognição

Identificou-se que os dez PEF tiveram a percepção de que é possível utilizar as aulas de Educação Física para beneficiar o desenvolvimento cognitivo dos alunos com TEA. O PEF 7 justificou que “[...] vejo como uma possibilidade favorecida pela Educação Física aos demais alunos também”.

O PEF 8 afirmou que “[...] por meio de atividades que envolva desafios motores, perguntas e respostas e problematização em seu cotidiano”.

Quatro PEF afirmaram que utilizam jogos e brincadeiras para ajudar na cognição do aluno com TEA, sem detalhar quais atividades utiliza. Na opinião do PEF 4 “[...] através de jogos e brincadeiras o aluno vai adquirindo esse desenvolvimento e aperfeiçoando”.

O PEF 10 destacou que utiliza “[...] brincadeira simples onde o aluno tenha que decidir entre 2 opções”.

Dois PEF responderam que estimular a autonomia do aluno com TEA é importante no desenvolvimento cognitivo. Assim destacou o PEF 2: “[...] por meio do lúdico consegue acessar necessidades fundamentais das crianças para que possa estimular a autonomia delas”.

O PEF 1 entende que o aspecto cognitivo é estimulado “[...] através de brincadeiras que trabalhem com a criatividade do aluno, o contato com o colega, atividades envolvendo música e movimento e trabalho com atividades envolvendo cores”.

Apesar de os dez PEF terem a percepção de que as aulas de Educação Física beneficiam no aspecto cognitivo, faltaram sugestões mais detalhadas de exercícios que despertem o interesse e que podem ser praticadas com os alunos com TEA.

3.5.6 Benefícios para o psicológico

O PEF 1 entendeu que “[...] a atenção e concentração é algo demorado e inconstante. Haverá aulas em que o aluno apresentará mais facilidade e aulas em que a dispersão e distração estará mais inerente”.

O PEF 2 também não fez uma afirmação sobre o desenvolvimento psicológico, pois, para ele “[...] as aulas de Educação Física são pouco efetivas em desenvolver o psicológico devido a quantidade de alunos na turma e não conseguir fazer uma avaliação neste aspecto”.

No entendimento do PEF 4, “[...] a Educação Física tem uma variedade muito grande em atividades que fazem esse trabalho, volto a dizer: através de jogos e brincadeiras”. Para ele e mais quatro PEF, os jogos e as brincadeiras são utilizados para desenvolver o aspecto psicológico do aluno com TEA, sem especificarem quais atividades realizaram.

Na opinião do PEF 10, “[...] através de jogos musicais, jogos com comando sonoros para realizar um movimento”.

No entendimento do PEF 6, o benefício psicológico ocorre “[...] com atividades que envolva mais a inteligência do que o corpo”;

E para o PEF 9, as estratégias de ensino destacadas foram “[...] o uso do tom de voz, o cenário, movimentos claros e expressões faciais que consegue ser percebidos pelo quando se estabelece um contato visual por menor que seja”.

Com base nas percepções identificadas, os PEF souberam, apesar de diferentes argumentos, entender o lado psicológico dos alunos com TEA. A utilização de jogos musicais como relatou o PEF 10 é muito importante. Segundo Cardoso (2004), os alunos com TEA têm uma fascinação por sons de baixa intensidade e música.

3.6 Percepção sobre a necessidade do aluno com Transtorno do Espectro Autista vivenciar rotinas

Com base nas respostas, o PEF 7 citou que “[...] a rotina da escola dificilmente se altera, o que se altera são as atividades, então o aluno parece aceitar bem a situação”.

Na opinião do PEF 5, “[...] primeiramente vai depender do grau de TEA do aluno, assim em casos em que o grau é alto só irá depender da confiança do aluno com TEA com o PEF”. No sentido da relação entre o aluno com TEA e o PEF, Alves (2014, p.110) afirmou que:

[...] o professor de Educação Física se torna fundamental para que os exercícios físicos sejam realizados com sucesso e pela aproximação afetiva entre os alunos com TEA e os professores torna-se mais fácil quando o professor consegue entrar em sintonia com o aluno e começa a fazer parte do cotidiano do aluno.

O PEF 3 que destacou que “[...] procura manter uma rotina de organização na aula (ex.: chegada na quadra, parte de aquecimento, parte principal, parte final) e fazer pequenas mudanças. As atividades podem e devem ser variadas para que se possa atender as necessidades de cada um”. Este e mais três PEF concluíram que procuram manter uma rotina de estrutura de aula para que alunos com TEA acostumem com uma rotina de aula.

A noção do PEF 9 foi a de que “[...] os professores devem incluir novas ações de acordo com desenvolvimento do aluno, assim, partindo de atividades simples para o complexo, outro detalhe citado pelo mesmo professor é estabelecer um início afetivo e uma despedida nas aulas de Educação Física”. Neste sentido, segundo Alves (2014), no decorrer do tempo, o PEF deve possibilitar uma variação das atividades, partindo de atividades simples para as mais complexas.

Três PEF afirmaram utilizar um *feedback* no início das aulas para recordarem o que foi feito na aula passada para então dar uma sequência nas atividades que serão propostas. Como, por exemplo, respondeu o PEF 4 que “[...] normalmente o que faço, uma tomada dos conteúdos iniciando com essa atividade para aí sim passar para a outra”.

No aspecto de rotina, destaca-se que é importante o professor manter uma estrutura de aula, manter um dia da semana fixo, para que o aluno com TEA tenha noção das etapas das aulas e dos dias que terão Educação Física. Alunos com TEA necessitam seguir uma rotina. De acordo com Aguiar, Pereira e Bauman (2017), quando quebram essa rotina, os alunos com TEA podem apresentar comportamentos agressivos, por isso, é importante o PEF manter um dia fixo, duração fixa das aulas, manter uma estrutura da aula e inserir aos poucos os objetos, para que o aluno com TEA se adapte.

4 Conclusões

Conclui-se que os 10 PEF participantes da pesquisa indicaram, por meio das respostas, conhecer a definição de TEA, porém, falta um conhecimento mais amplo nesta área. Além disso, alguns PEF afirmaram que tiveram facilidades em trabalhar com alunos com baixo grau de TEA, assim mantendo um método padrão de aula, fazendo poucas adaptações. Outros PEF relataram como desafiador o trabalho com alunos com TEA, pois, cada aluno com TEA têm suas individualidades, então precisam entender seu aluno e propor atividades dentro das limitações, sem esquecer dos demais alunos.

Deve-se destacar que os PEF necessitam fortalecer e aprofundar na área de Educação Física Inclusiva, inclusive o assunto TEA, pois, os PEF sabem o conceito de TEA, mas não sabem justificar as atividades que podem beneficiar o aluno que apresenta o TEA.

Referências

- AGUIAR, R. P.; PEREIRA, F. S.; BAUMAN, C. D. Importância da prática de atividades físicas para pessoas com autismo. *J. Health Biol Sci.*, v.5, n.2, 123-144, p.2017.
- ALÍPIO, L.P. *Conhecimento dos professores e alunos de Educação Física sobre o Transtorno do Espectro Autista*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- ALVES, F.R.F. *Desafios e mudanças: uma proposta de programas de exercícios físicos para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)*. 2014. Pós-Graduação Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, 2014.
- APA. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais (DSM)*. 5.ed. Porto Alegre: Artimed, 2014.
- BAGNARA, I. C. Educação Física e esporte adaptado para pessoas com deficiência física. *EFDeportes, Revista Digital*, Buenos Aires, ano 15, n. 148, 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd148/esporte-adaptado-para-pessoas-com-deficiencia-fisica.htm>. Acesso em: 15 jun 2019.
- BAILEY, D.B. *et al.* Inclusion in the context of competing values in early childhood education. *Early Childhood Research Quarterly*, v.13, n.1, p.27-47, 1998. Se abreviar o nome do periódico em uma referência, fazer em todos.
- BRASIL. *Declaração de Salamanca sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educacionais especiais*. Brasília, DF: 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2019
- BRASIL. Presidência da República. *Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional*. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 26 set. 2018.
- BRASIL, Presidência da República. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 03 ago. 2019.

- BRASIL. Presidência da República. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, DF: 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2018.
- BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012*. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. v Brasília, DF: 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 03 ago. 2019
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com Transtorno do Espectro do Autista*. Brasília, DF: 2014. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf. Acesso em: 06 out. 2018.
- CARDOSO, M.C. *Os benefícios das atividades física para autistas*. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade de Ribeirão Preto, Guarujá, 2004.
- CATELLI, C. Q.; D'ANTINO, M. E.; ASSIS, S. B. O transtorno do espectro autista e a educação física escolar: a prática do profissional de rede estadual de São Paulo. *Atas-Investigação qualitativa em educação*, v.1, p.57-71, 2016.
- CHICON, J. F.; CRUZ, G. C. Educação física inclusiva: formação e prática pedagógica. In: VICTOR, S. L.; DRAGO, R.; PANTALEÃO, E. (Org.). *Educação especial: indícios, registros e práticas de inclusão*. São Carlos: Pedro & João, 2013. p.123-136.
- COSTA, F. R. B. *Formação e desenvolvimento profissional em Educação Física dilemas e desafios na educação inclusiva*. 2009. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- FALKENBACH, A. P. *et al.* A formação e a prática vivenciada dos professores de Educação Física diante da inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na escola comum. *Temas sobre desenvolvimento*, São Paulo, v.16, 2008.
- FIORINI, M. L. S., NABEIRO, M. Um estudo sobre a intervenção com o professor de Educação Física para inclusão educacional do aluno com deficiência visual. *Revista da Sobama*, Marília, v.14, n.2, p-21-26, 2013.
- LOURENÇO, C. C. V. *et al.* Avaliação dos efeitos de programas de intervenção de atividade física em indivíduos com transtorno do espectro do autismo. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v. 21, n. 2, p. 319-328, 2015.
- MACIEL, M. R. C. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 51-56, 2000.
- MARTINS, A. D. F.; MONTEIRO, M. I. B. Alunos autista: análises das possibilidades da interação social no contexto pedagógico. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 21, n. 2, p.215-224, 2017.
- MENDES, E.G. Inclusão: é possível começar pelas creches? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambú. *Anais eletrônicos [...]* Caxambu: ANPED, 2006. p.1-17.
- MENDES, E.G.; CIA, F.; D’AFFONSECA, S.M. Apresentação. In: MENDES, E.G.; CIA, F.; D’AFFONSECA, S.M. (Org.). *Inclusão escolar e a avaliação do público-alvo da educação especial*. São Carlos: Marquezine & Manzini; ABPEE: Marília, 2015. p.9-23.

MORAES, F.C.C. *Educação Física escolar e o aluno com deficiência: um estudo da prática pedagógica de professores*. 2010. 210f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de ciências humanas e sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.

NABEIRO, M. O colega tutor nas aulas de educação física inclusiva. *In: MENDES, E.G.; ALMEIDA, M.A. (Org.). Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010. p.401-406.

SCHLIEMANN, A. L. *Esporte e autismo: estratégias de ensino para inclusão esportiva de crianças com transtornos do espectro autista*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física), Universidade de Campinas, Campinas, 2013.

SHERRILL, C. *Adapted physical activity recreation and sport: crossdisciplinary and lifespan*. 5.ed. Boston: McGraw-Hill, 1998.

SOUZA, J. V. A Tutoria: estratégia de ensino para inclusão de alunos com deficiência visual nas aulas de educação física. [Resumo]. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIENCIAS DO ESPORTE. Anais eletrônicos [...]* Salvador: CBCE, 2009.

STEFANE, C.A. *Professores de Educação Física: diversidade e prática pedagógica*. 2003. 248f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

TOMÉ, M. C. Educação Física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autista. *Movimento e Percepção*, Espírito Santo do Pinhal, v. 8, n. 11, p.133-145, 2007.

WINNICK, J. P. *Educação Física e esportes adaptados*. 3. ed. Barueri: Manole, 2004.

Recebido em: 28/06/2019

Aceito em: 30/06/2019

APÊNDICE A

Questionário

Tema 1: percepção do professor de Educação Física sobre o Transtorno do Espectro Autista

- 1) Como você definiria o que é o Transtorno do Espectro Autista?
- 2) Como você descreveria a experiência quando se deparou com um aluno com Transtorno do Espectro Autista na aula de Educação Física?
- 3) Para você, é necessário realizar adaptações, em suas aulas, para atender as especificidades do aluno com Transtorno do Espectro Autista? Se sim, quais?
- 4) Com base em sua experiência, qual a sua opinião sobre a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Sistema Regular de Ensino?

Tema 2: benefícios da aula de Educação Física para o desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista

- 5) Na sua opinião, a disciplina Educação Física pode beneficiar o desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista? Se sim, como?
- 6) Alunos com Transtorno do Espectro Autista podem apresentar dificuldades na interação social. Na sua opinião, quais ações são necessárias na aula de Educação Física para ajudar esse aluno a interagir com os colegas de classe?
- 7) Na sua opinião, as aulas de Educação Física Escolar beneficiam os alunos com Transtorno do Espectro Autista em termos de desenvolvimento motor? Se sim, como?
- 8) Para você, a comunicação de alunos com Transtorno do Espectro Autista pode ser estimulada a partir das aulas de Educação Física? Se sim, como?
- 9) Na sua opinião, é possível utilizar as aulas de Educação Física para beneficiar o desenvolvimento cognitivo, por exemplo, raciocínio, tomada de decisão, de alunos com Transtorno do Espectro Autista? Se sim, como desenvolver?
- 10) Para você, as aulas de Educação Física podem beneficiar o aspecto psicológico dos alunos com Transtorno do Espectro Autista, por exemplo, atenção, concentração? Se sim, como desenvolver?
- 11) Alunos com Transtorno do Espectro Autista necessitam seguir uma rotina. No seu ponto de vista, como alterar as atividades a cada aula sem prejudicar o desenvolvimento desse aluno?

Notas sobre os autores

Lucas Augusto de Mello

Graduado em Licenciatura em Educação Física. Acadêmico do Curso de Bacharelado em Educação Física, da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista – FAIP, da Sociedade Cultural e Educacional do Interior Paulista. lucasspt@hotmail.com

Maria Luiza Salzani Fiorini

Docente dos Cursos de Educação Física, Fisioterapia e Pedagogia, da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista – FAIP, da Sociedade Cultural e Educacional do Interior Paulista. mazinhasf@yahoo.com.br

Daniel Pereira Coqueiro

Docente dos Cursos de Educação Física, da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista – FAIP, da Sociedade Cultural e Educacional do Interior Paulista. danicoq@hotmail.com